

## Saramago, “para quê?”

Maria Luiza Scher Pereira\*

Por ocasião da morte de José Saramago, em junho de 2010, fui procurada pelo jornal *Tribuna de Minas*, de Juiz de Fora, MG, cidade onde vivo, que me solicitou uma matéria urgente sobre o escritor, já que, segundo o jornalista, era preciso apresentar ao público o único ganhador do Prêmio Nobel em língua portuguesa. Aceitei o convite pensando que esse seria o eixo do meu trabalho: por que e para que ler Saramago? Com a experiência de muitos anos de ensino de literatura, sabia que não apenas o público do jornal, mas os próprios estudantes universitários, e mesmo os estudantes de Letras, raramente têm suficiente informação sobre os escritores e sua obras. O texto, publicado no jornal, na edição de 29 de junho de 2010, é o que se segue.

\*\*\*

Habitualmente procuro encorajar os meus jovens alunos do Curso de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora a se iniciarem na leitura da obra de Saramago, com uma pergunta que, em geral, recebem como uma provocação e como um desafio. Pergunto-lhes se saberiam o que responder, de modo simples e objetivo, se algum parente ou amigo se dirigisse a eles nos seguintes termos: fulano, você que está na Universidade, é estudante de Letras, e será professor de Literatura e de Língua Portuguesa, diga-nos lá: por que é que esse José Saramago foi, até agora, o único escritor de nossa língua a ganhar o Prêmio Nobel de Literatura?

E ainda provoco-os mais, lembrando que a curiosidade do amigo não iniciado, caso se manifestasse, se justificaria plenamente, visto que Saramago foi contemporâneo de outros gigantes da literatura de língua portuguesa como Jorge Amado (que Saramago sempre pensou que levaria o Nobel antes dele), Guimarães Rosa, João Cabral de Melo Neto (que, segundo Saramago, honraria o Prêmio, caso este lhe fosse concedido), Carlos Drummond de Andrade, António Lobo Antunes (que, segundo dizem seus desafetos, sempre pensou que seria ele próprio o primeiro escritor lusófono a ganhar o Nobel), José Cardoso Pires, Clarice Lispector, Nérida Piñon, hoje Presidente da ABL.

Espicaçados e interessados, com os olhos vivos e, às vezes, com um sorriso meio desconcertado, os meus alunos, em geral, não sabem de momento o que dizer, e sinto que isso os incentiva de alguma forma. Mas também percebo que, assim desafiados, já esperam de mim pelo menos um fio de raciocínio que os ajude a dar a partida na empreitada que, pela extensão e diversidade da obra, promete ser longa e, certamente, exigirá algum esforço e alguma disciplina.

Lanço-lhes então uma hipótese minha, para que eles, ao correr da tarefa da leitura, possam verificar, por meios próprios, se tem fundamento. Minha hipótese é a seguinte, em poucas palavras.

Embora todos esses autores acima citados (e outros mais) tenham uma obra respeitável, coerente, e construída com proposta bem definida, penso que Saramago foi galardoado com o Nobel porque a Academia percebeu que ele não só realizou um projeto literário extremamente bem arquitetado, como também, que esse projeto de escrita se articulava fundamentalmente com um projeto de vida.

Saramago foi, com uma coerência que, a meu ver, ele explicitou como nenhum outro de sua geração, um escritor observador, participante, e crítico do seu tempo: talentoso e genial, mas também um intelectual engajado num projeto que, “através e para além da escrita literária”, se realizava na vida, como exercício e defesa da cidadania política.

O projeto literário é extraordinário. Sua obra parece ter como origem uma “potência” capaz de fazê-la se estruturar como um complexo e articulado discurso crítico-criativo, que, partindo da reflexão

sobre o seu país, vai se expandindo para toda a civilização europeia, e para o próprio Ocidentalismo, com sua cultura fundada no pensamento judaico-cristão.

Senão vejamos:

Para pensar Portugal, fez obras como *Levantado do chão* que focaliza todo o século XX, desde a República em 1910, até a Revolução dos Cravos em 1974; e *Memorial do Convento*, uma revisitação do Portugal do século XVIII, e do longo reinado de D. João V.

Ampliando para a relação com o mundo ibérico, temos o mesmo *Memorial do Convento*, uma vez que, sob D. João V, o Brasil financiou com a “derrama” do ouro todo o fausto do seu reinado; e temos a *Jangada de Pedra*, que trata (numa proposta iberista, já que Saramago era um iberista assumido) da Península Ibérica, que se descola da Europa, e se aproxima do Brasil e da África lusófona.

Expandindo ainda mais seu pensamento, enfoca depois a relação do mundo ibérico com a Europa; e aqui temos *O ano da morte de Ricardo Reis*, em que, além de o autor apresentar-se como o escritor-leitor, também apresenta ao leitor a Europa de 1936, ano chave do período que Ingmar Bergman, no seu genial filme já clássico, chamou de o tempo da gestação d’*O ovo da serpente*. Lembremos que é o ano do início da Guerra Civil Espanhola, o ensaio geral para o que viria a seguir.

Nessa mesma linha, também situamos a *História do cerco de Lisboa*, contextualizado no século XII, quando os Cruzados, vindos de toda a Europa, auxiliaram a rendição dos árabes e a reconquista, para o cristianismo, da capital portuguesa; e finalmente, temos o recente e indispensável *A viagem do elefante*, uma divertida e irônica leitura dos grandes projetos unificadores da Europa, com suas utopias de potência imperialista, desde o Sacro Império Romano-Germânico, até a atual União Europeia.

A guerra santa faz o gancho para a ida do escritor ao arquivo judaico-cristão da civilização ocidental, e Saramago nos oferece os polêmicos *Evangelho segundo Jesus Cristo*, e o seu último romance, *Caim*.

Esse eixo da narrativa de viés alegórico-historiográfico (porque me parece que se processa uma alegorização do romance histórico) é “suplementado” pelo eixo da crítica da cultura contemporânea, com as obras que os críticos, a meu ver erroneamente, costumam chamar de as narrativas “pós-modernas” de Saramago: a trilogia involuntária formada por *Todos os nomes*, *Ensaio sobre a Cegueira*, e *A Caverna*; e mais as obras, digamos, menos canonizáveis, mas não menos significativas, como *O homem duplicado*, o *Ensaio sobre a lucidez*, e, mesmo, *As intermitências da morte*.

Essas breves palavras sobre o que me parece ser o grande plano da obra literária de Saramago não bastariam, para mim, se não citasse aqui dois livros seus, considerados, pela crítica mais acadêmica, escritas de “gênero menor”: um longo e imperdível relato do Saramago-viajante por seu país, intitulado *Viagem a Portugal*; e o comovente *As pequenas memórias*, um pequeno (só no tamanho) livro de memórias de sua vida até os 15 anos, a sua infância e adolescência pobres em Azinhaga e em Lisboa, compartilhadas com os avós e os pais analfabetos, homenageados pelo filho e neto ganhador do Prêmio Nobel de Literatura, no discurso proferido no momento mesmo do recebimento do prêmio, que comoveu a Academia Sueca e repercutiu no mundo todo.

É esse Saramago – filho e neto de pequenos agricultores analfabetos, e ganhador do mais cobiçado prêmio da alta cultura – que se comprometeu de modo profundamente humano e político (no mais nobre sentido da palavra) com aquele projeto de vida que se expressou na combativa e corajosa defesa de um mundo mais justo, mais igual, menos excludente. Cito apenas dois exemplos de coragem e coerência: filiado ao Partido Comunista desde 1969, rompeu publicamente com Cuba por discordar da pena de morte para os críticos do regime de Fidel Castro. Por também defender a ampla liberdade de expressão, rompeu igualmente com o governo português quando este, intimidado pela Igreja Católica Portuguesa, censurou o seu *Evangelho*, o que o fez exilar-se voluntariamente na Espanha.

Em entrevista concedida à Globo News, em 2006, o repórter Edney Silvestre indaga a Saramago se haveria alguma pergunta para qual toda a sua obra não podia oferecer qualquer resposta. Ele diz em voz baixa e aparentemente comovida: “Há uma pergunta para a qual, até a minha morte, não terei uma resposta... E ela é apenas isso: para quê?”

Eu penso que a utopia de um mundo menos injusto, que o fez fiel ao “espírito de Marx” por toda a vida, seja talvez a tentativa, necessária e imperativa, de dar a “essa pergunta fatal” (expressão sua) a resposta impossível. O homem que amou e foi amado, o escritor que conheceu a glória e as honras todas do mundo, também se angustiava e se interrogava, como todos nós que não somos escritores geniais, sobre o sentido das coisas. Para enfrentar a angústia e a perplexidade, Saramago procurou e, a meu ver conseguiu, dar um sentido à sua escrita e à sua vida pública: o sentido do tenaz compromisso ético, e o da exemplar dignidade.

### **Nota explicativa**

- \* Professora Associada da Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras, atuando no Curso de Letras e no PPG Letras - Estudos Literários.